

O original deste texto está sujeito às regras gerais do Direito de Autor. Por favor descarregue e partilhe mas qualquer tipo de utilização está sujeito à autorização da autora ([gemma73es@yahoo.es](mailto:gemma73es@yahoo.es) ou através dos seus representantes na SGAE). Em caso de autorização por favor utilize gratuitamente, para fins não comerciais e devidamente creditada, a tradução portuguesa.

# O anzol

## de Gemma Rodríguez

tradução do castelhano para o português de  
Ana Vitorino, Carlos Costa e Catarina Martins / Visões Úteis

“O Anzol” estreou em Portugal no Teatro de Vila Real a 23 de Abril de 2009. O espectáculo, uma criação do Visões Úteis em co-produção com o Teatro de Vila Real, contou com a seguinte ficha artística:

**direcção**

Ana Vitorino, Carlos Costa e Catarina Martins

**banda sonora original, sonoplastia e desenho de som**

João Martins

**cenografia, adereços e figurinos**

Inês de Carvalho

**desenho de luz**

José Carlos Coelho

**elenco**

Ana Vitorino (Irene)

Carlos Costa (Jesus)

Catarina Martins (Lena)

Pedro Carreira (Pai)

e as vozes de

Gemma Rodríguez e Paula Seabra (autora)

*[www.visoesuteis.pt](http://www.visoesuteis.pt)*

personagens

lena

irene

pai

jesus cristo



## 1. didascália

Com a minha história podia fazer-se um espectáculo de teatro; ainda que eu não saiba se se pode, porque só fui uma vez ao teatro e parece-me que seria difícil, por causa do cenário e isso tudo, e porque fazem falta muitas coisas para a contar.

Por exemplo, é preciso uma auto-estrada.

Não o desenho de uma auto-estrada ou o conceito de uma auto-estrada, é preciso mesmo a A4 direcção Vila Real, ainda que a A28 também sirva. Além disso, a auto-estrada tem que estar cheia de carros e há uma altura em que tem que haver um engarrafamento, e, para que fique bem, para que pareça um engarrafamento mesmo a sério, é preciso umas quinhentas a mil pessoas e uns quatrocentos carros, e os carros teriam que ser diferentes, porque se os carros forem todos do mesmo modelo, por exemplo volkswagen golf azul com matrícula PD, as pessoas iam perceber que o engarrafamento não passava de uma montagem.

Isto da auto-estrada não é um capricho. O prédio onde se passa oitenta por cento da história fica ao lado de uma auto-estrada. Além disso há um acidente e o acidente tem de parecer real, ainda que não seja preciso que apareça uma ambulância, mas claro que temos de ver como acontece o acidente, o dramatismo e tudo isso.

Também há um parque; e dentro do parque há um lago, e o lago é fundamental e tem que ter peixes e patos.

À volta do parque temos que ter espaço para pôr uns bancos de madeira e precisamos de vários reformados, porque senão via-se que não há ninguém no parque e as pessoas desconfiavam; e para que ficasse o melhor possível eu acrescentaria um técnico da câmara que estuda as doenças das árvores, que teriam que estar doentes a sério.

Também há um elevador que não pode não funcionar, porque é usado por duas das personagens, e três telefones, e os telefones teriam que estar ligados a uma centralzita telefónica, porque senão as pessoas viam que eles não tinham linha e então desconfiavam.

Também há um vídeo porteiro e um grande centro comercial com todos os produtos que se podem comprar nas grandes superfícies, e é preciso pôr os preços dos produtos numas etiquetas e assinalar com cartazes vistosos as promoções do dia porque pode haver pessoas, sobretudo mulheres, que desconfiavam se não se vissem as promoções, porque há sempre promoções nas grandes superfícies e toda gente sabe isso, especialmente as mulheres. Além disso era preciso contratar um grupo de dez pessoas, no mínimo, para que façam de trabalhadores do centro comercial e têm que ter experiência e alguns devem ter a pele escura e falar com sotaque, porque se são todos brancos as pessoas desconfiam.

Também temos o prédio de que eu falava há pouco, que tem que ter dez andares porque é um prédio de uma cidade dormitório e não pode ter menos ainda que bem, talvez, e apertando muito, pudéssemos aceitar que tivesse sete, sete andares.

Também é preciso mostrar o interior de dois apartamentos do prédio que ficam no terceiro andar e partilham um mesmo átrio. Também há pessoas que morrem e que têm que morrer mesmo a sério para que as pessoas não desconfiem, ainda que eu saiba que isto vai ser um problema.

Também temos a Lena, a Irene e o pai da Lena, e o pai da Lena tem que parecer seu pai, pela idade e porque tem de se parecer fisicamente. Também há dois miúdos, o Óscar e o Filipe, que não podem ser muito crescidos e têm que ser parecidos com a Lena porque são seus filhos e com o pai da Lena, que é avô deles. Também temos que ter o homem que está com a Lena, mas não é preciso que seja parecido com ela porque não é da mesma família.

E o pai da Lena é alcoólico mas já há alguns dias que não bebe e isso tinha que ser mesmo a sério, e já sei que é fácil encontrar actores alcoólicos mas é preciso que tenham estado vários dias sem beber, e isso já é mais complicado.

Depois temos que ter a piscina onde nadam o Óscar e o Filipe e a empresa onde trabalha a Irene, e neste caso precisamos mesmo de ter mais trezentas pessoas, no mínimo, porque é uma empresa grande, e tínhamos que decidir a que é que a empresa se dedica, porque se não decidimos e só temos computadores e faxes e pessoas a fazer de conta que trabalham, alguém que trabalhe numa empresa podia dizer “isto não é uma empresa, estão só a fazer de conta”.

E também temos a segurança social que é onde ajudam o pai da Lena a procurar trabalho e precisávamos de uns quantos assistentes sociais para estarem por ali e isso é fácil porque eles próprios não têm trabalho e estão sempre disponíveis; além disso não podemos garantir que os assistentes sociais não vão ao teatro e se forem vão perceber que os actores não são assistentes sociais porque os assistentes sociais conhecem-se todos uns aos outros.

Também há um barco insuflável, isso é fácil.

E há uma agência de viagens, e de certeza que me estou a esquecer de alguma coisa.

Resumindo, para contar esta história são precisos mil trezentos e cinquenta e sete actores, quatrocentos e um carros, uma auto-estrada, uma piscina, dois prédios, um de apartamentos e outro de escritórios, um parque, um centro comercial, a segurança social e mais um monte de coisas e pessoas. E por isso com a minha história não se pode fazer um espectáculo de teatro.

## 1. o sonho

Pai: O sítio é um parque, um parque com alguns bocados verdes por onde ainda ninguém passou. O resto é cor de terra. Há um lago com peixes e patos e pode alugar-se um barco com remos e atravessar o lago. Também há um banco de madeira em frente ao coreto para sentar e vigiar. Eu sou o vigilante. Vigio os miúdos que brincam nos baloiços. Vigio enquanto o suor me escorre pela testa. No lago, debaixo da luz do sol, as escamas dos peixes parecem espadas dentro da água. Então ouço um barulho, olho para o céu e vejo os albatrozes. E penso: “Que estranho, nunca tinha visto um albatroz”. Então reparo que não se mexem, olho com atenção e vejo que alguém os pregou nas nuvens com pioneses coloridos e que estão a sangrar das costas. Volto a olhar para o lago e ali estão as escamas dos peixes e os peixes com as bocas bem abertas e o anzol cravado nas guelras. E então acordo no meu quarto. Percebo como me escorre o suor pela testa, e ouço um grito de pássaro, levanto a cabeça e vejo passar o albatroz pelo tecto do meu quarto como se fosse um fantasma que cruza o céu e traz más notícias. E então toca o telefone.

## 2. o telefonema

LENA: Agora ele devia telefonar-me. Foi o que ele disse. Disse que me telefonava e agora não telefona. Disse: eu telefono. Não sei porque é que acreditei.

PAI: Tinha que acreditar.

LENA: Acredito porque ele me disse. Não estou a inventar. Disse que quando chegasse à escola me telefonava.

PAI: Disse que quando eu quisesse me ajudava a procurar trabalho. Que é para isso que lhe pagam, para ajudar pessoas como eu. Pessoas como eu, foi o que ele disse.

LENA: Não sei porque é que acredito.

PAI: Um trabalho bem pago para alguém como eu.

LENA: Vai fazer o que lhe der na gana, já o conheço.

PAI: Aproximadamente uns 400 euros.

LENA: É preciso ser idiota.

PAI: Disse-lhe que tinha de pensar nisso. Já há muito tempo que não trabalho. Disse que não há pressa, que depois me telefonam.

LENA: Não sei porque é que acredito.

PAI: Tinha que acreditar.

LENA: “Telefona-me quando chegares à escola”, digo-lhe eu.

PAI: “Há oito dias que não bebo”, digo-lhe eu.

LENA: “Não fiques à espera que os miúdos saiam.”

PAI: “Nem uma gota”, digo-lhe eu. Nada de nada.

LENA: “Telefona-me para eu saber que já chegaste.”

PAI: Disse-me que para alguém como eu não está nada mal.

LENA: “Que já estás na escola e que está tudo bem”.

PAI: Que isso me vai ajudar a encontrar trabalho.

LENA: Que está tudo bem.

PAI: Isso e a ajuda de Jesus. Agora não estou sozinho. Agora Jesus caminha comigo.

LENA: “Não te preocupes”, disse-me, e com um dedo volta a pôr os óculos de massa no cimo do nariz. “Mal chegue à escola telefono-te, prometo.”



PAI: Jesus hoje fez com que a Lena me telefonasse.

LENA: Porque é que acredito?

PAI: Eu ainda estava na cama quando o telefone tocou.

LENA: Um homem que usa óculos de massa.

PAI: “Estou?”, digo eu. “É a Lena”, diz ela.

LENA: Mas desde que estou com ele que acredito sempre.

PAI: Nota-se que a Lena está com alguém.

LENA: Sempre.

PAI: E este alguém disse-lhe para ela me telefonar.

LENA: Esta manhã, por exemplo, disse-me “telefona ao teu pai”. “Não me apetece”, disse eu. “Vá lá, Lena, são os teus anos, telefona ao teu pai e diz-lhe que venha cá esta noite”. “Não quero, estás surdo?”.

PAI: Gosto que a Lena esteja com alguém.

LENA: “É o teu pai”, disse-me, como se a palavra PAI fosse uma coisa tão importante que não fosse preciso dizer mais nada; como se não tivesse importância o tipo de pessoa que o teu pai é. É o teu pai e é tudo.

PAI: Eu diria SAIR com alguém, mas ela diz que não SAI, que está e é tudo.

LENA: “Telefona-lhe e diz-lhe que venha jantar connosco. Qual é o mal? Somos uma família”. Uma boa merda, é o que somos. E então, o que é que eu faço? Telefono ao meu pai e ele vem-me logo dizer que já não bebe há oito dias. E eu com isso? “Papá, estou a telefonar-te porque estou com alguém e esse alguém pediu-me. Está bem? Tens alguma coisa para fazer esta noite?”.

PAI: Gosto que a Lena esteja com alguém.

LENA: Mas o que é que o meu pai tem para fazer numa sexta à noite?

PAI: “Estava a pensar em ficar em casa a ver televisão”.

LENA: Nada, não faz nada.

PAI: Dá um daqueles concursos que eu gosto de ver.

LENA: “Pára com isso, cá em casa jantamos às oito, se não estiveres a essa hora não comes. Adeus.” Desligo o telefone para ele não ter tempo de dizer nada. Não quero que ele diga nada. Estou furiosa. Mas ele olha para mim feliz com os seus óculos de massa e aqueles olhos cinzentos de que tanto gosto e então dá-me um beijo, doce. “Obrigado”, diz. “De nada”, digo. E vai trabalhar e diz que depois vai buscar os miúdos à escola.

### 3. a fuga

IRENE: Cheira a gás. Cheira a gás na casa toda; sobretudo na cozinha; neste canto. Na sala também se nota; mas não tanto como na cozinha; na cozinha o cheiro é mais forte.

PAI: Esta manhã, depois de falar com a Lena, já não voltei para a cama.

IRENE: O gás está fechado. Já fui ver.

PAI: Pensava que nunca mais ia ver a Lena.

IRENE: Por isso é que telefonei para a empresa do gás.

PAI: Dantes bebia demais.

IRENE: Chamei-os porque cheira a gás por todo o lado e pensei que podia tratar-se de uma fuga. Os homens do gás acham que não, mas eu insisti e eles disseram que vinham cá ver. Também me disseram para abrir uma janela.

PAI: Dantes bebia e isso trazia-me problemas.

IRENE: E que saia da casa se reparar que fico enjoada ou que estou com muito sono.

PAI: Agora tudo é diferente.

IRENE: Porque se não saísse morria.

PAI: Porque agora Jesus Cristo caminha ao meu lado.

IRENE: Quer dizer, que se fechasse as janelas e ficasse aqui dentro a inalar este gás todo, morria. Não sei porque é que dizem isso se na verdade acham que eu não tenho nenhuma fuga.

PAI: E isso faz com que tudo seja diferente.

IRENE: A mim o que me mete medo é que haja uma explosão e aí eu não asfixiava mas íamos todos pelos ares e o prédio ficava feito em pedaços. E toda a história terminava com uma enorme cratera cheia de escombros e carne humana esturricada. Os tipos do gás acham que eu tenho de ser mais positiva.

PAI: As pessoas não sabem o que hão-de pensar.

IRENE: “ Não pense que vai morrer”, dizem.

PAI: Quando lhes digo que não tenho trabalho, que fui um alcoólico estes anos todos, não sabem o que hão-de pensar.

IRENE: Ponho as luvas e abro uma torneira.

PAI: Às vezes eu também não.

IRENE: Enquanto o lava-louça se enche de água eu não penso que vou morrer.

#### 4. perguntas sem resposta

LENA: Primeiro vou deixar-te falar; dizer o que tens para dizer; seja o que for, vou deixar que te expliques. Depois, mato-te. Se não me telefonas juro que o faço. Cabrão mentiroso. Vou arrancar-te os olhos com a colher do café. Nunca mais me fazes isto. Quantas vezes é que eu já te disse? Se dizes que vais telefonar tens que telefonar. Mas, claro, tu fazes sempre o que te dá na real gana. Ao menos responde-me a uma pergunta: se já sabias que não ias telefonar, se já sabias isso, então porque raio é que disseste que telefonavas?

#### 5. mais perguntas

IRENE: Alguém me pode dizer o que é que estou a fazer?

#### 6. a viagem de metro

PAI: Para ir a casa da Lena tem que se apanhar o metro e andar cinco estações. Depois tem que se fazer um transbordo, apanhar outro metro e andar mais três estações. E depois, ainda se tem que apanhar o comboio e andar mais cinco estações. E aí já lá estamos.

#### 7. a água

IRENE: O que é que eu estou a fazer aqui de pé, a lavar os pratos e a pensar que não vou morrer enquanto deixo que os pulmões se me encham de gás?

LENA: Tenho que relaxar.

IRENE: É absurdo.

PAI: É estranho.

IRENE: Esta água toda e eu aqui de pé.

PAI: Pensar que estou aqui outra vez.

IRENE: Não tem sentido nenhum.

PAI: No bairro da Lena.

IRENE: Nada disto tem sentido.

PAI: Voltar atrás agora não tinha sentido nenhum.

LENA: Está bem, sabes o que é que vou fazer? Vou tomar um duche, vou abrir a água quente e tomar um duche. Não é que queira. Vou fazê-lo por ti; para o caso de acabares por telefonar e não ter acontecido nada. Porque não quero que chegues a casa e aches que cheiro mal, que os miúdos achem que cheiro mal.

IRENE: Podia fazer mil coisas.

LENA: E se telefonas enquanto estou no duche?

IRENE: Se vou morrer hoje...

LENA: Se ele telefona enquanto estou no duche não vou ouvir.

IRENE: Quero dizer que se estas são mesmo as minhas últimas horas antes de morrer, há mil coisas que podia fazer.

PAI: Podia voltar para trás e esquecer o telefonema desta manhã.

IRENE: Podia tomar um duche, por exemplo.

PAI: Mas não vou fazer isso.

LENA: Claro que vou tomar um duche! Mas é que vou mesmo.

IRENE: Uma vez caí na banheira.

LENA: Mesmo que não te ouça se telefonares.

IRENE: Mas não me matei.

LENA: Já devias ter telefonado há anos, se não telefonas agora azar.

IRENE: Não estava a pensar em tomar um duche. Se fizesse isso, se tomasse um duche de água quente podia fazer com que a casa explodisse.

PAI: Isto não é altura de voltar atrás. Caralho, para a frente é que é caminho!

LENA: Abro a água quente e entro no duche.

IRENE: Pego no esfregão e afundo-o na água.

PAI: Saio da estação de comboios e sigo em frente.

LENA: Ensaboo-me.

IRENE: Vejo as minhas mãos.

LENA: Vejo um bocadinho da minha pele.

PAI: Vejo o homenzinho vermelho do semáforo; páro...

LENA: ...e penso.

IRENE: Penso...

PAI: Penso no que me disseram na Segurança Social, que me arranjavam um trabalho.

LENA: Penso, Lena, cada dia estás mais gorda.

IRENE: Penso, o que é que acontecia se um dia a pele deixasse de ser impermeável?

PAI: Disse-lhes que não bebo há oito dias e acho que isso resultou.

LENA: Quanto pesas, Lena? Tens que tratar desta gordura toda senão um dia abres um buraco no chão e caís no andar de baixo.

IRENE: É só uma hipótese, mas podia acontecer.

PAI: Só bebo água.

LENA: E eu que agora só bebo água.

IRENE: Quero dizer, se tivéssemos infiltrações na pele e a pele deixasse passar a água, então todo o nosso corpo se enchia de água, por dentro.

PAI: Só água.

IRENE: Se os pulmões se enchem de água o diagnóstico é claro...

LENA: Merda.

IRENE: Morte por afogamento.

PAI: Verde, já podemos passar.

## 8. a avaria

LENA: Então...?

IRENE: Então...?

LENA: O que é que se passa, caraças?

IRENE: Foi-se. De repente.

LENA: Porra!

IRENE: Porque é que a água não sai?

LENA: Porra!

IRENE: Não sai nem uma gota. É como se a água tivesse acabado.

LENA: Porra!

IRENE: E agora o que é que faço?

LENA: Merda!

IRENE: Com os pratos meio lavados.

LENA: Porque é tudo me acontece a mim?

IRENE: Isto só me acontece a mim...

LENA: Saio do duche e ponho o roupão.

IRENE: É melhor fechar a torneira. Que chatice! Só me faltavam duas colheres e uns copos.

LENA: Saio da casa de banho, abro a porta de casa, atravesso o átrio e toco ao 3.2.

IRENE: Parece-me que tocaram. Saio da cozinha. Olho pelo óculo, é a Lena. Abro a porta de casa.

LENA: —Olá Irene.

IRENE: —Oi, Lena.



LENA: –Então, tudo bem?

IRENE: –Sim... / Isto é mentira.

LENA: –Tens água?

IRENE: –Não... / Isto é verdade. / –Estava a lavar a louça quando acabou.

LENA: –Que merda.

IRENE: –Se calhar era melhor telefonar para as águas, já é a terceira vez este mês.

LENA: –Isto é coisa do senhorio.

IRENE: –Achas?

LENA: –É ele que nos corta a água. Porra, eu pago a renda todos os meses, tu não?

IRENE: –Claro que sim! / Uma vez não paguei porque tinha ficado sem trabalho mas isso a Lena não sabe.

LENA: –Então porque raio é que nos corta a água.

IRENE: –Não sei...

LENA: –Porra.

IRENE: A Lena é mal criada.

LENA: –Olha para mim.

IRENE: Olho para ela.

LENA: –Estou cheia de sabonete.

IRENE: –Estou a ver.

LENA: –Estava a tomar duche quando acabou a água.

IRENE: –Pois.

LENA: –Grande merda. E agora o que é que é suposto eu fazer, porra?

IRENE: Diz isto como se fosse começar a chorar.

LENA: –Vou para dentro. Só queria saber se tinhas água.

IRENE: –Não tenho.

LENA: –Desculpa ter-te incomodado.

IRENE: –Não faz mal.

LENA: –Merda.

IRENE: –De certeza que volta.

LENA: –O quê?

IRENE: –A água. De certeza que volta.

LENA: –Sim, boa noite...

IRENE: A Lena entra em casa e fecha a porta. contei três “porras” e três “merdas”. Depois fica tudo em silêncio outra vez. Sento-me no átrio por um momento. Preciso de tempo para pensar. Devia fazer uma lista, como quando vou às compras, quando vou ao Lidl, uma lista das coisas em que vale a pena pensar.

## 9. o Lidl

PAI: Antes de ir a casa da Lena, quis passar no Lidl.

IRENE: Faço uma lista das coisas em que vale a pena pensar.

PAI: A Lena faz sempre as compras no Lidl. E pensei: vou entrar também e comprar alguma coisa para os miúdos.

IRENE: Em primeiro lugar ponho a Lena e os miúdos, ponho “morrer”, “a possibilidade de morrer”. Ponho “eu-morta-depois-da-explosão”.

PAI: À entrada do Lidl fiquei nervoso.

IRENE: Também ponho “o prédio”, “o prédio feito em pedaços”. Ponho “a sucata”, “o entulho”, “o cheiro a carne humana esturricada”.

PAI: Dantes mandavam-me sempre parar à porta do Lidl e diziam-me para ir para casa.

IRENE: Ponho “o roupão da Lena”. Imagino-o sujo no meio da sucata.

PAI: “Ó tu, vai para casa”, diziam. E eu ia.

IRENE: Ponho as declarações dos bombeiros.

PAI: Dantes bebia demais.

IRENE: Bombeiro: “tudo começou com uma fuga de gás no 3.2”.

PAI: Por isso é que dantes não me queriam no Lidl.

IRENE: E as das vizinhas.

PAI: Dantes bebia demais.

IRENE: Vizinha: “Nunca tínhamos tido problemas com a Irene. A Irene era uma pessoa normal.”.

PAI: Mas desta vez o segurança nem sequer olhou para mim.

IRENE: Faça o que fizeres as pessoas acham tudo normal. Rasgo a lista. Não faz falta. Telefonei para a empresa do gás. Eles vêm e tratam disto para não termos de morrer todos. Não faz falta. Não é preciso. E é ridículo.

PAI: Agora Jesus Cristo caminha comigo. E entramos juntos no Lidl. Jesus Cristo à esquerda e eu à direita. No Lidl há um corredor cheio de brinquedos que deixava qualquer miúdo babado. Jesus ajuda-me a escolher duas prendas: uma para o Óscar, o pequeno, e outra para o Filipe. Também encontro um bolo cor-de-rosa em promoção. Até diz: “Feliz aniversário” escrito com letras verdes e está dentro de uma caixa de plástico transparente muito bonita. Então, quando vamos para a caixa, Jesus crava-me o cotovelo nas costelas, eu páro, e vejo o seu dedo levantado: “Promoções Lidl”, diz um cartaz pendurado no tecto e mesmo por baixo um barco insuflável, lindíssimo, verde e branco, com dois assentos de borracha e cordas pretas e um remo e essas coisas todas. E só por quarenta euros. Caralho, o que eu gosto do Lidl.

## 10. reconstruindo a cena

LENA: Às seis e um quarto chega à escola, aos vinte já me devia ter telefonado, mas não telefona, os miúdos saem da piscina às seis e meia. Às sete estão todos no carro. E se não apanharem nenhum engarramento chegam a casa às sete e meia, saem do carro e tocam à campainha para eu abrir.

## 11. segunda visita

IRENE: – Olá Lena.

LENA: –Olá.

IRENE: – Já tens água?

LENA: –Não, ainda não.

IRENE: –Que chatice.

LENA: –Pois.

IRENE: – Só te queria dizer que estou à espera dos tipos do gás.

LENA: –Está bem.

IRENE: –Acho que tenho uma fuga.

LENA: –Pois.

IRENE: Parece que se está nas tintas.

LENA: –Devias dizer ao senhorio.

IRENE: –Já lhe disse / Ele disse que para a merda que pagamos bem podíamos morrer todos.

LENA: –E o que é que ele disse?

IRENE: –Que vai tratar disso.

LENA: –Pois.

IRENE: –Bem...

LENA: Devia telefonar para a escola.

IRENE: –Só te queria avisar.

LENA: E falar com o nojento do porteiro.

IRENE: –Como há bocado não te disse nada.

LENA: O porteiro gosta de fazer sofrer as mães.

IRENE: Gostava de falar com a Lena.

LENA: Tento concentrar-me na Irene.

IRENE: Podia dizer-lhe que perdi o emprego.

LENA: Podia contar-lhe dos miúdos.

IRENE: A verdade é que não o perdi. Despediram-me.

LENA: Se calhar ela não se importa de falar com o porteiro.

IRENE: Se calhar ela sabe de algum. Algum trabalho que eu possa fazer.

LENA: Não sei.

IRENE: –Vou para dentro.

LENA: –Está bem.

IRENE: –Vou fazer uma omeleta.

LENA: –Precisas de ovos?

IRENE: –Já tenho, obrigada.

LENA: –Bem...

IRENE: –Não vou acender o fogão. Vou só deixá-la preparada até os homens do gás chegarem. Para o caso de ter uma fuga.

LENA: –Claro.

IRENE: –Vou-me.

LENA: Podia ter-lhe dito. Mas ela quer lá saber.

IRENE: Entro em casa e fecho a porta.

LENA: Entro em casa e fecho a porta.

## 12. a escola

PAI: Dez para as oito e saio do Lidl.

IRENE: Dez para as oito e não aparece ninguém.

LENA: Dez para as oito e nem sequer telefonaram.

PAI: Confirmo que está tudo. As prendas para os miúdos, o bolo de anos, o barco para a Lena.

IRENE: Enquanto espero os tipos do gás ponho os óculos da piscina.

PAI: Agora tenho que me despachar.

IRENE: E começo a cortar uma cebola. Prefiro o cheiro da cebola a sentir o gás a entrar nos pulmões.

LENA: Dez para as oito e na escola já não está ninguém.

IRENE: E enquanto corto a cebola penso num final feliz, um final em que não morra tanta gente.

LENA: Só o nojento do porteiro.

IRENE: Corto a cebola em pedacinhos.

LENA: É ele quem atende o telefone.

IRENE: Quero ser positiva.

LENA: “Os meninos foram com o pai”, diz ele. Não é pai deles e o porteiro sabe. “Quer dizer, com o seu marido.” “Também não é meu marido, só estamos juntos, e nem sei porquê, porque ele é um mentiroso”. O porteiro diz que eu devia ter pensado nisso antes. Desligo o telefone.

IRENE: Não me quero enervar.

LENA: Tento acalmar-me.

IRENE: Quase oito. Os tipos do gás já deviam ter chegado.

LENA: Se calhar pararam para fazer chichi.

IRENE: O melhor é parar de pensar que estou a respirar gás.

LENA: Se calhar o Óscar teve vontade de fazer chichi.

IRENE: Nem que isso me vai matar.

LENA: Se calhar encontraram alguém no caminho.

IRENE: Penso num final feliz.

LENA: Se calhar tem o telemóvel sem bateria e por isso é que não me telefona nem atende quando eu lhe telefono.

IRENE: Um final em não morra tanta gente.

LENA: Se calhar tiveram um furo.

IRENE: Um desses acidentes com poucos mortos.

LENA: Se calhar tiveram um acidente.



IRENE: Se calhar só um morto.

LENA: Um acidente de carro.

IRENE: Ou dois.

LENA: Se tiveram um acidente eu mato-o.

IRENE: Três, quando muito.

LENA: E depois tenho um ataque cardíaco.

IRENE: Quatro, no máximo.

LENA: E caio morta na alcatifa.

IRENE: Um final com mais de quatro mortos já não é um final feliz.

### 13. o acidente

PAI: Quando vinha para aqui vi um acidente. A verdade é que primeiro vi as costeletas de porco e depois é que vi o acidente. Estavam no chão e pensei vou apanhá-las para o caso de a Lena não ter jantar suficiente para todos. Ainda estavam dentro da embalagem, com plástico e tudo. Depois vi que havia mais costeletas de porco e vi umas coxas de frango e uns chouriços de sangue e umas orelhas de porco e umas costeletinhas de vitela e então vi um camião do Intermarché tombado no meio da estrada. Havia muita gente. Aproximei-me para ver o que tinha acontecido. Jesus ficou uns passos atrás de mim. Vi um homem a chorar. Acho que morreu alguém.

### 14. o telefone

LENA: O telefone!

IRENE: O telefone!

LENA: Penso, são eles!

IRENE: Os tipos do gás.

LENA: Estão bem.

IRENE: Não podem vir.

LENA: —Estou?

IRENE: —Estou?

LENA: —Estou?

IRENE: —Estou?

LENA: —Estou?

IRENE: —Estou?

LENA: —Maldito filho da puta.

IRENE: —Estou?

LENA: —Responde!

IRENE: —Quem é?

LENA: —Diz-me que os miúdos estão bem.

IRENE: Não quer dizer quem é.

LENA: Desligo.

IRENE: Desligaram.

LENA: E se os raptaram?

IRENE: Olho para a cebola.

LENA: Não, não foi isso que aconteceu.

IRENE: Podia cortar pedacinhos mais pequenos.

LENA: O que acontece é que ele é um mentiroso.

IRENE: Se bem que eles já estão bastante pequenos.

LENA: E eu não gosto de mentirosos.

IRENE: Se os corto mais pequenos deixo de os ver.

LENA: Pego nas chaves e saio de casa.

IRENE: Esqueço a cebola.

LENA: Saio para o corredor.

IRENE: Pego no óleo e deito-o na frigideira.

LENA: Vou até à porta do 3.2.

IRENE: Mas uma parte do óleo cai no chão da cozinha.

LENA: E toco.

IRENE: Estão a tocar.

## 15. a rua da Lena

PAI: Às oito em ponto deixo para trás o acidente e entro na rua da Lena. Jesus vai à frente, dando grandes passadas mas eu não estou em forma. Comprei coisas demais. Agora estou metido num sarilho e Jesus também tem culpa; ele diz que não, que seja como for a culpa é minha, que não me devia ter armado em mirone. A verdade é que está chateado por causa da embalagem das costeletas de porco. É!, mas se eu não tivesse apanhado a embalagem do chão mais ninguém apanhava. E mesmo estando as costeletas na embalagem os do Intermarché não iam querer vender umas costeletas que estiveram num acidente. Mas Jesus não vê as coisas assim. Seja como for, o que é certo é que por culpa dele comprei coisas demais e agora vou chegar tarde e a Lena vai-se chatear.

## 16. a mala

LENA: —Olá.

IRENE: —Olá Lena, pensava que eram os tipos do gás.

LENA: —Ainda não vieram?

IRENE: —Acho que devem estar a chegar.

LENA: —Posso pedir-te um favor?

IRENE: —Claro que sim.

LENA: —Podes emprestar-me aquela mala grande?

IRENE: —Qual? A minha mala das férias?

LENA: —Sim.

IRENE: —Vais de férias?

LENA: —Quero só livrar-me de algumas coisas.

IRENE: —Claro que sim, entra. Vou já buscá-la.

LENA: —Obrigada. / A Irene vai buscar a mala enquanto eu espero na sala. Há um cheiro esquisito.

IRENE: Tenho que limpar o chão da cozinha.

LENA: Deve ser a omeleta. Gosto da casa da Irene, está sempre tão arrumada.

IRENE: Devia ter dado uma arrumadela.

LENA: Em cima da mesa estão uns folhetos de uma agência de viagens: “Belize, ideal para os amantes do mergulho”.

IRENE: Às vezes gostava de ser como ela.

LENA: Deve ser fantástico ter tempo livre.

IRENE: E ter dois meninos tão lindos.

LENA: E não ter filhos.

IRENE: Óscar e Filipe.

LENA: E ir à piscina.

IRENE: E ter uma família.

LENA: E fazer mergulho.

IRENE: A mala está em cima do armário.

LENA: Em cima da televisão pôs uma fotografia dos miúdos; de há um ano; dos anos do Óscar.

IRENE: Tiro a mala.

LENA: Cinco aninhos.

IRENE: E regresso à sala. A Lena encontrou a fotografia dos miúdos.

LENA: Foi um absurdo dar-lhe esta fotografia.

IRENE: É um absurdo ter esta fotografia.

LENA: Não são filhos dela.

IRENE: Não são meus filhos.

LENA: Deve tê-la emoldurado para eu não fazer figura de parva.

IRENE: Agora vai pensar que estou maluca. / —Como estão os miúdos?

LENA: —Bem, hoje têm piscina, como tu. Depois devolvo.

IRENE: —O.K.

LENA: —Só preciso dela para me livrar de umas coisas.

IRENE: —Não te preocupes. Não há pressa.

LENA: “O.K.”, digo, e volto para casa.

IRENE: “O.K.”, diz-me, e volta para casa.

LENA: É a mulher mais feliz que eu conheço.

IRENE: É a mulher mais feliz que eu conheço.

## 17. o parque

PAI: Oito e dez e a rua da Lena nunca mais acaba.

LENA: O pai está atrasado, como sempre.

PAI: Prometi à Lena que seria pontual.

IRENE: Volto à cozinha e pego na esfregona.

PAI: Tento apressar-me mas custa-me respirar.

IRENE: Está despedida, disse-me.

PAI: Parece que o meu coração não funciona bem.

LENA: Já passa das oito.

PAI: Passo em frente ao parque e paro um bocadinho.

IRENE: A água mexe-se quando meto a esfregona no balde. Olho para a mancha de óleo que se espalha nos mosaicos da cozinha.

PAI: Não quero chegar atrasado.

LENA: Está atrasado, como sempre.

PAI: Mas preciso de descansar.

IRENE: A mancha de óleo também olha para mim, “o que é que pensas fazer agora?”, pergunta-me. Agora vou fazer-te desaparecer, digo-lhe.

PAI: Sento-me num banco do parque.

IRENE: Pode não ser real mas parece-me que a mancha de óleo começa a chorar.

PAI: Conheço este parque. A última vez que vi o mais pequeno estava a brincar aqui, mesmo ao lado dos baloiços.

IRENE: E não consegue parar.

PAI: Nunca mais o vi.

IRENE: As manchas de óleo não choram, isto não pode ser real.

PAI: Às vezes penso que não é real, que nada é real.

LENA: Gostava de apagar a televisão e descobrir que era só um filme, um filme mau que eu estava a ver no sofá, e que não tem nada a ver com a minha vida.

IRENE: Sento-me no chão, ao lado da mancha de óleo. Penso que comprei uma vida congelada e mete-me medo pensar que se a descongelo vai tudo à merda.

LENA: Não quero recomeçar outra vez, são explicações demais, e eu já estou farta, farta demais.

IRENE: Não posso descongelar a minha vida. Se calhar decompôs-se ao fim de tantos anos, se calhar está podre. Não posso correr esse risco.

PAI: Jesus e eu estivemos a conversar. Conversámos sobre isto tudo. Sobre o que se passou. Às vezes saímos para dar um passeio e chegamos até ao mar. Às vezes caminhamos até chegar às novas urbanizações. Gostamos de lá ir porque é como se depois de uma guerra o mundo tivesse deixado de existir e só tivéssemos ficado nós os dois.

LENA: Não sei como é que cheguei aqui, como é que pode ter tudo corrido tão mal. Lembro-me, quando era pequena, de um vestido azul e uma pantera cor de rosa e os cromos e a corda de saltar e como tudo parecia estar tão bem. Não sei que raio é que aconteceu.

IRENE: Olho para a mancha de perto, continua a chorar.



PAI: Tento não complicar tanto as coisas.

LENA: Foi o pai que começou isto tudo. Há pessoas que são assim, começam um monte de coisas e depois não acabam nenhuma.

IRENE: Ouço os seus gemidos e não sei como, pouco a pouco, eu também começo a chorar e agora estamos as duas no chão da cozinha e não conseguimos parar de soluçar e fazer barulhos esquisitos com o nariz.

LENA: O pai podia ter-se transformado numa planta. Se te podes tornar alcoólico porque é que não te podes transformar numa planta?

PAI: Jesus pensa que o que aconteceu não foi culpa de ninguém. Eu não tenho tanta certeza. Se calhar há alguém lá em cima que tem a culpa de tudo; mas é aí que Jesus se chateia e deixa de me falar.

LENA: Se ele se tivesse transformado numa planta em vez de se tornar alcoólico eu tinha-me encarregado de o regar todos os dias.

IRENE: A mancha e eu acalmamo-nos um pouco.

PAI: Quero pedir desculpa. Quero falar com a Lena e pedir-lhe desculpa pelo que fiz, porque não o devia ter feito e ainda que não haja um culpado tem que haver alguém que peça desculpa.

IRENE: Observo-a. A mancha ficou quieta. Como se estivesse a dormir.

LENA: Se ele se tivesse transformado numa planta não tinha acontecido o que aconteceu, porque eu nunca teria deixado que uma planta tomasse conta dos meus filhos. Porque uma planta não pode sair de casa a andar com um miúdo de três anos.

IRENE: A mancha é como um lago pequeno. Podia pôr-lhe uns barquinhos e uns patinhos e velhinhos sentados nos bancos com sacos de pão.

PAI: Mostro a Jesus o banco onde me sentei nesse dia e também o sítio onde estão os baloiços. O sítio exacto onde vi o Óscar pela última vez.

LENA: Uma planta não teria levado um miúdo de três anos ao parque sem o consentimento da mãe. Eu nunca ouvi falar de uma planta que tivesse feito uma coisa dessas. Mas um alcoólico não é uma planta.

IRENE: Podia pôr uns casais de namorados nos barcos; uns caixotes de lixo e um coreto.

PAI: Jesus diz que não estava; que nesse dia ele não estava no parque para me ajudar; mas isso leva-nos sempre a uma grande discussão teológica sobre a sua suposta omnipresença que faz com que a gente se chateie e passe duas ou três tardes sem nos falarmos.

LENA: Se o pai tivesse decidido ser uma planta, em vez de se tornar alcoólico, a minha vida tinha sido mais fácil.

IRENE: Na zona dos baloiços ponho uns miúdos e ponho os seus pais a trabalhar nos escritórios ao lado.

PAI: O Óscar estava a brincar nos baloiços.

IRENE: Ponho uns avozinhos para vigiarem os miúdos no parque.

PAI: Eu estava a olhar para ele sentado no banco.

IRENE: E faço com que um albatroz gigante cruze o céu como se fosse um avião.

PAI: Levantei a cabeça para ver o que era aquilo.

LENA: Como é que se pode perder uma criança?

PAI: E quando me voltei o Óscar já não estava lá.

LENA: Encontraram-no ao pé do lago.

IRENE: E no meio do lago podia pôr-me a mim.

LENA: Seis horas mais tarde.

PAI: Simplesmente já não estava.

LENA: Podia ter-se afogado.

PAI: Estou a afogar-me.

IRENE: E afogar-me.

LENA: Graças a Deus o Óscar já não se lembra.

PAI: Estou a afogar-me.

LENA: Mas eu fecho os olhos e é como se tivesse sido ontem. Quase perdi a custódia e agora não posso telefonar à polícia e dizer que voltei a perder os miúdos.

PAI: O meu coração não funciona bem.

LENA: Não sabes como te odeio, pai, não fazes ideia.

PAI: Respiro.

LENA: Esqueço-me do pai.

PAI: Não estou em forma.

## 18. picar o dedo

IRENE: Eu não devia chorar. Só me despediram. Há pessoas que perdem a família toda. Mães que perdem os seus três filhos num acidente de carro e depois já não podem ter mais filhos. Há pessoas que viveram o Holocausto. Ao pé delas eu só piquei o dedo com uma agulha de coser.

## 19. fazer a mala

LENA: Entro no quarto. O homem com quem estou não é um bêbado mas também não é uma planta. Se fosse uma planta não tinha ido buscar os miúdos, porque os miúdos são um assunto meu mas ele quer brincar a ser pai. Fantástico. Vou ao armário. Abro-o. Pego nas camisas, nas camisolas, nas calças, em duas gravatas, e em tudo o que encontro e ponho tudo dentro da mala. Agora, quando chegar a casa com os miúdos e os seus óculos de massa e os seus olhos cinzentos e um cartaz colado ao peito com a palavra pai escrita em letras grandes, e um sorriso como que a dizer “vês como não acontece nada se por uma vez for eu a ir buscar os miúdos?” vai descobrir que a sua roupa já não está dentro do armário e o seu sorriso nojento de pai exemplar vai-lhe cair ao chão mesmo a tempo de eu lhe passar por cima com o aspirador. Fecho a mala e saio.

## 20. o trambolhão

PAI: Finalmente chego ao prédio da Lena.

IRENE: Afoguei-me num lago.

LENA: Pego nas chaves de casa.

IRENE: Os tipos do gás acham que eu devia ser mais positiva.

PAI: Alguém acaba de sair e deixou a porta aberta.

IRENE: Devia pensar que as coisas podem correr bem.

LENA: Ponho o casaco e deixo um bilhete para os miúdos.

IRENE: Mas agora estou sentada no chão de uma cozinha cheia de gás a falar com uma mancha de óleo e o que é certo é que não vejo como é que as coisas podem correr bem.

PAI: Entro no prédio e chamo o elevador.

IRENE: Espero que a Lena se lembre de me devolver a mala. Quero ir de férias. Os tipos da agência disseram-me que tinha que decidir depressa. O Belize é perfeito, ideal para os amantes do mergulho.

LENA: “Volto já. Um milhão de beijos. Mamã.”

IRENE: Por isso é que telefonei para a empresa do gás, porque não quero morrer asfixiada, logo agora que encontrei um sítio para ir de férias.

PAI: Entro no elevador e procuro o terceiro na fila de botões.

IRENE: Se quero ir de férias tenho que abrir uma janela.

PAI: Caralho, com estes óculos não vejo nada.

IRENE: Os tipos da agência de viagens dizem-me que decida: “vais abrir a janela ou não?”

LENA: Deixo o bilhete na mesinha do hall de entrada e saio de casa com a mala.

PAI: Carrego no terceiro.

IRENE: Vejo a janela. Ideal para os amantes do mergulho.

LENA: Fecho a porta e vou até ao elevador.

PAI: O elevador faz um barulho estranho antes de começar a andar.

LENA: Merda, está ocupado.

IRENE: A mancha de óleo olha para mim do chão. “Abre a janela”, diz-me. “Abre-a”.

LENA: Que estranho, a Irene deixou a porta aberta.

IRENE: Levanto-me do chão.

PAI: No elevador Jesus olha para mim como que a dizer: “agora já estás aqui, voltaste”.

IRENE: Vejo a mancha de óleo nos mosaicos.

LENA: “Olá”, digo.

IRENE: Ouço uma voz.

LENA: –Está alguém?

IRENE: “Olá”, digo.

LENA: –Irene?

IRENE: É a Lena.

LENA: –És tu?

IRENE: –Sim, um momento. Já vou. / E então sem querer dou um passo e piso a mancha de óleo, escorrego e a minha cabeça bate com força contra o chão da cozinha.

(...)

LENA: A Irene não responde. Pode estar com os tipos do gás. Disse que tinham de vir da empresa do gás para ver não sei o quê. Se calhar devia entrar. Ouço um barulho. É o elevador. Chega ao terceiro andar e não pára.

PAI: O elevador pára.

LENA: Merda, parou no quarto.

PAI: Deixo Jesus sair primeiro.

LENA: Alguém está a demorar séculos para sair.

PAI: E depois saio eu.

LENA: Merda para isto, desço pelas escadas.

PAI: Quarto, o que é que estamos a fazer no quarto?

LENA: A mala pesa como um morto.

PAI: Enganámo-nos.

LENA: Chego cá abaixo e saio para a rua.

PAI: Descemos pelas escadas.

LENA: Vou até aos contentores.

PAI: A Lena vai-se chatear por chegarmos tarde.

## 21. o mal entendido

IRENE: Estou no chão.

PAI: Terceiro andar, a porta está aberta.

IRENE: O que é que eu estou a fazer no chão?

PAI: A Lena vive no 3.1.

IRENE: Dói-me a cabeça.

PAI: Toco.

IRENE: O que é que aconteceu?

PAI: Não atendem. Volto a tocar.

IRENE: Porque é que me dói a cabeça?

PAI: Coisa estranho. Se calhar não é o 3.1, passou tanto tempo desde a última vez.

IRENE: Passo a mão pela nuca.

PAI: Dou a volta. A porta do 3.2 está aberta.

IRENE: Sinto a nuca molhada.

PAI: Toco no 3.2.

IRENE: Olho para a minha roupa. Estou cheia de óleo.

PAI: Também não atendem.

IRENE: Pareceu-me que estava alguém a tocar.

PAI: “Olá?”, digo.

IRENE: Tento levantar-me.

PAI: —Lena?

IRENE: Acho que fiz um golpe.

PAI: Não me ouvem.

IRENE: E estive a sonhar.

PAI: Entro.



IRENE: Sonhei com um final feliz.

PAI: —Não está ninguém?

IRENE: Um final onde não morria tanta gente.

PAI: Olho em volta.

IRENE: Havia um lago.

PAI: O apartamento mudou muito.

IRENE: Com patos e bancos de madeira.

PAI: Até há uma biblioteca com livros.

IRENE: E uma janela, que abria e fechava.

PAI: Em cima da televisão há uma fotografia dos miúdos.

IRENE: Também havia um homem.

PAI: É incrível como cresceram.

IRENE: O homem da Companhia do Gás.

PAI: Na fotografia o Óscar está a soprar umas velinhas.

IRENE: O homem olhava-me com ternura.

PAI: Na mesinha está um folheto de uma agência de viagens. “Belize. Ideal para os amantes do mergulho”. Portanto a Lena agora faz mergulho.

IRENE: E dizia-me: “Está a ver, como às vezes a coisas acabam bem?”

PAI: Há um cheiro estranho nesta casa.

IRENE: E dava-me um beijo na cara.

PAI: Vou até uma porta que fica ao lado da sala.

IRENE: E é então.

PAI: Abro a porta.

IRENE: O sonho transforma-se em realidade.

PAI: —Olá.

IRENE: Diz o homem do gás.

PAI: “Olá”, diz uma mulher que está no chão da cozinha.

## 22. o barco

LENA: Gosto da água. Gosto do barulho que faz. Um dia vou viver junto ao mar. Ou junto a um rio. Ou junto a um lago. Quero viver num lugar que esteja rodeado de água. Quero ouvir o barulho da água de manhã e antes de adormecer. Quero viver num sítio onde só vivam peixes. Quero viver rodeada de água e ter um barco para atravessar de vez em quando para o outro lado. Uma vez fomos acampar com o pai e vimos um barco insuflável, com remos e cordas e isso tudo e o meu pai disse que me comprava um. Abro a mala e atiro a roupa toda para o contentor do lixo. Oxalá fosse o mar e eu pudesse ouvir o barulho da água a engoli-la!

## 23. o homem do gás

PAI: Ao que parece a mulher que estava caída no chão da cozinha teve um acidente.

IRENE: O homem do gás foi muito amável.

PAI: Ajudei-a a levantar-se e acompanhei-a ao sofá.

IRENE: O homem do gás trouxe-me para aqui.

PAI: E agora a mulher e Jesus estão sentados no sofá.

IRENE: E agora ele está de pé à minha frente.

PAI: E eu estou de pé à frente dela.

IRENE: —Não quer sentar-se?

PAI: —Eu tiro uma cadeira.

IRENE: “Caí”, digo.

PAI: Dá para ver que escorregou numa mancha de óleo. É bonita.

IRENE: Está bem vestido.

PAI: Se calhar é uma amiga da Lena; ou se calhar é da família do homem com quem ela anda.

IRENE: Tem olhos claros.

PAI: —Vi a fotografia dos miúdos.

IRENE: Viu a fotografia dos miúdos.

PAI: —Estão grandes e fortes.

IRENE: Não lhe posso dizer a verdade, vai pensar que estou maluca.

PAI: —Onde estão?

IRENE: —Na piscina.

PAI: —Tão tarde?

IRENE: —São os meus sobrinhos.

PAI: —E eu sou o seu avô.

IRENE: Deve ser uma piada.

PAI: Se calhar a Lena já lhe falou de mim.

IRENE: Sorrio.

PAI: Faz uma cara estranha.

IRENE: Está tão bem vestido.

PAI: Se calhar a Lena disse-lhe todas aquelas coisas más que pensa de mim.

IRENE: Tão elegante, com chapéu e tudo.

PAI: —Sei que estou atrasado.

IRENE: Faz-me sentir bem.

PAI: Tiro do saco as prendas dos miúdos.

IRENE: Então tira uns embrulhos de prenda e dá-mos. “O que é?”, digo-lhe.

PAI: —Não queria chegar de mãos vazias. São só umas lembranças.

IRENE: Olho para as prendas com lágrimas nos olhos. O homem do gás trouxe-me uma prenda.

PAI: A mulher olha para mim enternecida. Acho que acertei.

IRENE: Começo a desembulhar as prendas.

PAI: Não deviam ser os miúdos a desembulhar as prendas?

IRENE: O primeiro é um boneco quase nu dentro de uma caixa com uma espingarda nas mãos.

PAI: É um Action Man.

IRENE: –Gosto muito. / E apesar de estar cada vez mais enjoada consigo sorrir.

PAI: Volta a fazer aquela cara.

IRENE: E abro a outra prenda.

PAI: Se calhar quer saber que tipo de prendas comprei aos miúdos antes de lhes dar.

IRENE: É uma caixa de lápis de cor Crayola.

PAI: Acho que ela gostou mais da prenda do Óscar.

IRENE: “Para pintar”, diz. Agradeço-lhe.

PAI: –Também trouxe isto.

IRENE: Dá-me ainda outra prenda. Esta é grande e muito pesada.

PAI: “Não vale a pena abrir”, digo, antes que comece a tirar o papel e o rasgue todo.  
/ – É um barco insuflável.

IRENE: O homem do gás comprou-me um barco insuflável.

PAI: Acho que ela não acredita. Rasgo um bocado do papel para que veja a caixa. /  
“Está a ver o desenho?”, digo, podem andar dois adultos.

IRENE: No desenho vê-se um barco verde e branco com um homem sentado no assento da frente e uma mulher no assento de trás. O homem está quase nu, como o boneco da caixa, tem um remo entre as mãos e arfa por causa do esforço. A mulher está de vestido de noite e tem uma sombrinha na mão.

PAI: —Também trouxe um bolo e umas costeletas de porco para o jantar.

IRENE: —Estava a pensar fazer uma omeleta.

PAI: —Por mim, qualquer coisa está bem. O bolo é para o aniversário da Lena.

IRENE: —Não sabia que ela fazia anos.

PAI: —Ela não lhe disse?

IRENE: —Não. / Não sei porque é que me não disse.

PAI: —Faz 33, a idade que tinha Jesus Cristo quando morreu na cruz. / Jesus remexeu-se no sofá.

IRENE: —Dê-me o bolo.

PAI: —Está bem.

IRENE: —Vou guardá-lo no frigorífico.

PAI: Dou-lhe o bolo.

IRENE: Pego no bolo.

PAI: A mulher tenta levantar-se.

IRENE: Tento levantar-me.

PAI: Hesita.

IRENE: As pernas não respondem.

PAI: Faz um movimento esquisito com as pernas.

IRENE: Tento não cair.

PAI: Cambaleia.

IRENE: As pernas não aguentam.

PAI: Não se decide.

IRENE: Volto a sentar-me.

PAI: E volta a sentar-se.

IRENE: De repente fico com sono.

PAI: A mulher não diz nada.

IRENE: Muito sono.

PAI: O bolo devia ir para o frigorífico.

IRENE: Sorrio.

PAI: —Vi os folhetos, digo.

IRENE: —Que folhetos?

PAI: —Belize.

IRENE: —Belize?

PAI: —Ideal para os amantes do mergulho.

IRENE: —Ah, sim.

PAI: —Eu nunca fiz mergulho.

IRENE: —Eu também não.

PAI: A mulher volta a ficar calada.

IRENE: Uma gota de sangue cai-me pela nuca abaixo. Sinto como escorre e me mancha a blusa atrás.

PAI: —Os miúdos já deviam estar aqui.

IRENE: Dói-me a cabeça e tenho muito sono.

PAI: —É um bocado tarde para estar na piscina, não acha?

IRENE: Devia tratar a ferida, pôr uma ligadura na cabeça. O homem olha para mim com os seus olhos claros. Pergunto-lhe se me pode tratar da ferida.

PAI: A mulher olha para mim mas não diz nada.

IRENE: Mas falo tão baixinho que quase não se ouve.

PAI: Se calhar é um teste. Se calhar querem proteger os miúdos. Se calhar querem saber se é seguro eu ver os miúdos. / “Estou há oito dias sem beber”, digo.

IRENE: Diz que está há oito dias sem beber. Se calhar estive no deserto.

PAI: —Agora Jesus caminha ao meu lado.

IRENE: No deserto com uns amigos. O homem do gás também fala baixinho. Tão baixinho que quase não o oiço.

PAI: —Voltei a trabalhar porque quero ajudar a Lena, digo. Ajudá-la a ser feliz. Até podia arranjar um trabalho. Falei com os da segurança social, disseram-me que



podiam tentar arranjar-me um trabalho. “Estaríamos a falar de 400 euros”, digo. – Podia fazer um monte de coisas com 400 euros. Podia ajudar a Lena. / Silêncio outra vez. Jesus olha para mim e não diz nada. A mulher olha para mim e não diz nada. Olham os dois para mim do sofá e não dizem nada.

IRENE: O sono já chegou, pesam-me as pálpebras.

PAI: A mulher esforça-se por manter os olhos abertos.

IRENE: Tenho tanto sono.

PAI: Então percebo que não acredita em mim, não acredita numa só palavra do que lhe estive a dizer; e a Lena também não vai acreditar; nem o homem com quem ela está. Ninguém vai acreditar naquilo que digo. Não se pode acreditar num bêbado. Olho para Jesus, “preciso que me estendas a mão”. Mas Jesus olha para a ponta dos pés e não diz nada.

## 24. a polícia

LENA: Saio do elevador. Antes de entrar em casa quero devolver a mala à Irene. A porta continua aberta. / “Olá?”, digo.

PAI: Está alguém à porta.

LENA: –Olá, está alguém?

PAI: A mulher olha para mim com um sorriso mas não responde.

LENA: –Olá.

PAI: É a voz da Lena.

LENA: –Irene?

PAI: A voz da minha filhota.

LENA: —Olá?

PAI: “É a Lena”, digo. / A mulher olha para mim e não responde.

LENA: Não respondem.

PAI: Podia responder, podia dizer, “Olá filhota, é o papá!”

LENA: Podia entrar.

PAI: Mas não digo.

LENA: Se calhar não me ouve.

PAI: Jesus olha para mim.

LENA: Deve estar na cozinha com os tipos da empresa do gás.

PAI: “És o pai dela”, diz.

LENA: Deixo-lhe a mala ao pé da porta.

PAI: Como se a palavra PAI fosse uma coisa tão importante que não fosse preciso dizer mais nada.

LENA: E entro em casa.

PAI: Como se não tivesse importância o tipo de pessoa que o teu pai é.

LENA: Em casa não está ninguém. Só um bilhete na mesinha do hall da entrada: “Volto já. Um milhão de beijos, mamã.”

PAI: Não passo de um bêbado.

LENA: Pego no telefone. Ligo para a polícia, não posso fazer mais nada.

PAI: Podia ter sido uma planta, mas não passo de um bêbado.

LENA: Atende uma mulher. Conto-lhe o que aconteceu, que tenho dois filhos pequenos e que o homem com quem estou foi buscá-los à escola depois da piscina. Que já são nove e não sei onde estão os meus filhos.

PAI: Porque é que eu não sou uma planta?

LENA: “O homem é o pai das crianças?”, pergunta-me. Não, digo. “É um familiar?” Não, digo. “Então, quem é?”, diz.

PAI: Agora a mulher está a dormir à minha frente.

LENA: Pede-me outros dados e desligo.

PAI: A saia meia levantada.

LENA: Pronto.

PAI: Tem umas pernas bonitas.

LENA: Porque é que não podias ser uma planta?

PAI: E vê-se que está feliz.

LENA: A vida teria sido mais fácil.

PAI: Debaixo das pálpebras os olhos mexem-se muito depressa, como se sonhasse.

## 25. o sonho

IRENE: Há um lago. Cheio de patos e bancos à volta. É verão e o céu é azul. Os albatrozes voam por cima das nossas cabeças. Também está lá o homem do gás, num barco insuflável. “Já estava à tua espera há um bocado”, diz-me; e convida-me a

entrar. Estou de vestido de noite e tenho uma sombrinha. A Lena veio despedir-se e apresenta-me o seu namorado, que está dentro de uma caixa de plástico, meio nu. O Óscar e o Filipe correm para cima e para baixo. O homem do gás começa a remar e entramos pelo lago adentro. Sinto o sol que dança sobre a minha pele e penso num final feliz. Um final em que não tenha de morrer tanta gente.

## 26. os filhos de Lena

LENA: O telefone está a tocar.

IRENE: Mas alguém tem de morrer.

LENA: Deve ser a polícia.

IRENE: Nem que sejam só três ou quatro pessoas.

LENA: Se calhar já os encontraram.

IRENE: Se calhar só duas ou três pessoas.

LENA: Não consigo atender. Não consigo.

IRENE: Só duas pessoas.

LENA: São os meus filhos.

IRENE: No fim tem sempre que morrer alguém.

LENA: Atendo. É ele. Diz que havia um engarrafamento na A4 e que foi por isso que se atrasaram tanto. Diz que estão no parque aqui ao lado e que está a telefonar de uma cabine, que não pode vir até aqui de carro porque houve um acidente e cortaram o trânsito. Diz que os miúdos estão bem que o lago está cheio de patos e que eles não param de os tentar apanhar. Diz que não tinha o telemóvel e que não me podia avisar. E que depois me ligou muitas vezes e que de certeza que eu tinha deixado o telefone mal desligado.

IRENE: Com duas chega.

LENA: “Porque é que estás a chorar?”, diz. “porque não me telefonaste”, digo-lhe.

IRENE: Não tem de morrer mais gente.

LENA: Ele tenta acalmar-me. “Estamos bem”, diz. “Desculpa não ter telefonado.”

IRENE: É absurdo e desnecessário.

LENA: “Passa o telefone ao Óscar”: “Olá tesouro”. “Olá mamã”. “Como estás?”. “Bem”, diz, “e tu?” pergunta porque eu não consigo parar de chorar. “Não saias daí”, digo-lhe. “Diz ao teu irmão que já estou a ir”. “Está bem” diz ele, e antes de desligar ouço os miúdos a rir e ponho-me a rir também.

## 27. um final feliz

LENA: Saio de casa. Quero dizer à Irene que os miúdos estão bem. A porta da Irene continua aberta. “Olá?”, digo, mas ninguém responde. Desta vez entro. Está tudo silencioso. Entro na sala e vejo as pernas da Irene. Está sentada no sofá. Adormeceu. Suponho que os tipos do gás se foram embora e deixaram a porta aberta. Não está mais ninguém. Só uma planta, um ficus enorme que não me lembrava de ter visto antes. Não sabia que a Irene tinha um ficus. A Irene dorme tranquilamente e não a quero acordar. Apago a luz e fecho a porta.

IRENE: Fez-se noite. Já não há ninguém no lago, só o homem do gás e eu. Então o homem do gás aponta para um pequeno furo no barco e diz-me “encontrei”. “O quê?”, “A fuga”, diz. “Encontrei a fuga de gás.”. Ficamos calados e só se ouve o barulho do ar a sair do barco. “Estamos a afundar”, diz. “Estamos a afundar”, digo. Ele sorri para mim. E eu dou-lhe um beijo na face.

PAI: Agora a mulher deixa cair a cabeça, como se não fosse sua. Cheira a gás. Parece uma fuga. Se calhar devia abrir a janela. Jesus olha para mim, os seus olhos escuros

estão tristes. Não quero chorar, mas as lágrimas rolam-me pela cara. “Não me deixes”, digo; mas ele levanta-se e sorri-me pela última vez.

## 28. Jesus Cristo

JESUS CRISTO: As lágrimas rolam-lhe pela cara. Olha para mim, suplicante, não me abandones. Levanto-me e sorrio-lhe pela última vez.

**FIM**